

Daniel 9:24

João Calvino

Setenta semanas estão determinadas sobre teu povo e sobre tua santa cidade, para finalizar a transgressão e pôr termo aos pecados, fazer reconciliação pela iniquidade e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, para ungir o Santíssimo.

Daniel 9:24

Esta passagem tem sido tratada de modo variado, e portanto confundida e quase rasgada aos pedaços pelas várias opiniões dos intérpretes, ao ponto de ser considerada quase inútil por conta de sua obscuridade. Mas, na certeza de que nenhuma predição é realmente vã, podemos esperar discernir esta profecia, contanto que pelo menos estejamos atentos e abertos à instrução segundo a admoestação do anjo e o exemplo do profeta. Geralmente não faço referências a opiniões conflitantes, porque não nutro prazer em refutá-las, e o método simples que adoto me agrada mais, a saber, expor o que creio ter sido dado pelo Espírito de Deus. Não posso, porém, deixar escapar a oportunidade de rebater vários pontos de vista em torno da presente passagem.

Começarei com os judeus, porquanto só não pervertem seu sentido em decorrência de sua ignorância, mas também em decorrência de deprimente impudência. Sempre que se vêem expostos à luz que irradia de Cristo, instantaneamente voltam suas costas em total irresponsabilidade, e exibem uma completa ausência de talento. São como cães que se contentam em ladrar. Nesta passagem, especialmente, deixam escapar sua petulância, porquanto com testa de bronze tergiversam o sentido que o profetas quis dar. Observemos, pois, o que eles pensam, porque é preciso condená-los por ausência de propósito, a menos que consigamos convencê-los por razões igualmente firmes e certas. Quando Jerônimo discorreu sobre o ensino dos judeus que viveram antes de seus próprios dias, ele lhes atribuiu mais modéstia e discrição do que exibiram seus antecedentes mais recentes. Ele registra sua confissão de que esta passagem não pode ser entendida de outra forma senão em referência ao advento do messias. É provável, porém, que Jerônimo estivesse indisposto a enfrentá-los em conflito franco, visto não estar plenamente persuadido de sua necessidade, e por isso assumiu mais do que teria admitido. Creio ser isso bem provável, porque ele não deixou cair uma única palavra sobre qual interpretação ele aprovava, e se escusa por trazer a lume todos os tipos de opiniões sem qualquer preconceito de sua parte. Daí, ele não ousa pronunciar se os intérpretes judeus estão ou não mais certos do que os gregos ou latinos, porém deixa seus leitores totalmente em suspenso. Além disso, é bem claro que todos os rabinos expuseram esta profecia de Daniel como uma declaração do contínuo castigo que Deus estava para infligir sobre seu povo depois de seu regresso do cativo. E assim excluíram inteiramente a graça de Deus, e culpavam o profeta, como se ele houvera cometido o erro de pensar que Deus seria propício a esses míseros e exilados, restaurando-os em seus lares e reconstruindo seu templo. Segundo seu ponto de vista, as setenta semanas começaram na destruição do primeiro templo e terminam na ruína do segundo. Em um ponto eles concordam conosco: em considerar o profeta a computar as semanas não como dias, mas como anos, como está em Levítico [25.8]. Não há diferença entre nós e os judeus na enumeração dos anos; confessam que o número de anos é 490, mas discordam inteiramente de nós no tocante ao

término da profecia. Dizem – como eu já pressupus – que as calamidades contínuas que oprimiram o povo são aqui preditas. O profeta esperava que o fim de suas tribulações estivesse se aproximando depressa, visto que Deus testificara por meio de Jeremias sua plena satisfação com os setenta anos de cativo. Dizem também que o povo foi miseravelmente atormentado por seus inimigos quando da destruição do segundo templo; e assim se viram privados de seus lares e a cidade, feita em ruínas, tornou-se um horrendo espetáculo de devastação e desolação. Dessa forma mostrei como excluíram a graça de Deus; e para sumariar seu ensino em termos breves, eis aqui sua substância: o profeta está enganado em pensar que o estado da Igreja melhoraria no final dos setenta anos, porque restavam ainda setenta semanas; ou, seja, Deus multiplicou o número desta maneira como o propósito de castigá-los, até que, por fim, abolisse a cidade e o templo, dispersasse sua nação sobre toda a terra e destruísse seu próprio nome, até que, por fim, chegasse o Messias, a quem esperavam. Está é sua interpretação, porém toda a história refuta tanto sua ignorância quanto sua temeridade. Porque, como observaremos em seguida, todos quantos são dotados de bom juízo dificilmente aprovariam tal coisa, porque todos os historiadores relatam o lapso de um período mais longo entre a monarquia de Ciro e a dos persas e a vinda de Cristo que aquele que Daniel computa aqui. Os judeus novamente incluem os anos que transcorreram desde a ruína do primeiro templo até o advento de Cristo e a destruição final de sua cidade. Daí, segundo a opinião comumente aceita, eles computaram cerca de seiscentos anos. Mais adiante direi quanto aprovo dessa computação e quanto difiro dela. Entretanto, com bastante evidência, os judeus são deploravelmente enganados e ainda enganam a outros, quando computam períodos diferentes sem qualquer critério.

Uma refutação positiva deste erro se deriva claramente da profecia de Jeremias, à luz do início deste capítulo e à luz da opinião de Esdras. Barbinel, aquele enganador e impostor que se julga o mais perspicaz dos rabinos, acredita que tem aqui um modo conveniente de escape, visto tergiversar o tema com uma única palavra, e responder a uma só objeção. Em breve, porém, mostrarei como ele brinca com bagatelas frívolas. Ao rejeitar Josefo, ele se gloria de uma vitória fácil. Candidamente confesso que não posso depositar confiança em Josefo, quer de vez em quando ou sem exceção. Mas que conclusões Barbinel e seus seguidores extraem dessa passagem? Aproximemo-nos daquela profecia de Jeremias que já mencionei, e na qual ele busca refúgio. Diz ele: os cristãos fazem Nabucodonosor reinar quarenta e cinco anos, porém ele não chegou a completa esse número. E assim ele corta metade de um ano, ou, talvez, um completo daquelas monarquias. Mas ele faz isso com que propósito, visto que restam ainda duzentos anos, e a contenda entre nós diz respeito a esse período? Percebemos, pois, quão infantilmente ele tergiversa, deduzindo cinco ou seis anos de um número tão grande, e ainda há o peso de duzentos anos que ele deixa de remover. Como já afirmei, porém, aquela profecia de Jeremias concernente a setenta anos permanece inamovível. Quando, porém, eles começam? Desde a destruição do templo? Isso de forma alguma se adequa bem.

Barbinel faz com que o número dos anos seja quarenta e nove ou em torno disso, desde a destruição do templo até o reinado de Ciro. Percebemos previamente, porém, que o profeta é então instruído acerca do término do cativo. Ora, aquele impudente indivíduo e seus seguidores não se envergonharam de asseverar que Daniel foi um mal intérprete dessa parte da profecia e de Jeremias, visto que imaginava haver completado o castigo, embora restasse ainda algum tempo. Alguns dos rabinos fazem essa asseveração, porém seu caráter frívolo surge disto: Daniel, aqui, não confessa qualquer erro, senão que, confiadamente, afirma que sua oração foi em decorrência de haver aprendido no livro de Jeremias a completação do tempo do cativo. Então Esdras usa as seguintes palavras: Quando os setenta anos se completaram, segundo Deus predissera por boca de Jeremias, ele incitou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, a libertar o povo no primeiro ano de sua

monarquia [Ed. 1.1]. Aqui Esdras francamente declara que Ciro deu ao povo liberdade movido pelo secreto impulso do Espírito. Teria o Espírito de Deus feito ouvido mouco quando apressou o regresso do povo? Porque então teremos necessariamente que convencer Jeremias de fraude e falsidade, quando Esdras vê o regresso do povo como uma resposta à profecia. Em contrapartida, eles citam uma passagem do primeiro capítulo de Zacarias [v. 12]: “Então o anjo do Senhor respondeu, e disse: Ó Senhor dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém, e das cidades de Judá, contra as quais estiveste irado estes setenta anos?” Aqui, porém, o Profeta não põe em relevo o momento em que os setenta anos expiraram, mas quando alguma porção do povo havia regressado a seu país mediante a permissão de Ciro e a construção do templo era ainda impedida, depois de um lapso de vinte ou trinta anos, ele se queixa por Deus não haver libertado seu povo completa e plenamente. Se esse é ou não o caso, os judeus devem explicar o começo dos setenta anos, desde o primeiro exílio antes da destruição do templo; do contrário as passagens citadas de Daniel e Esdras não se harmonizam. Somos assim compelidos a concluir esses setenta anos antes do reino de Ciro; como Deus dissera, ele então poria um fim ao cativeiro de seu povo, e o período foi completado nesse ponto.

Além disso, quase todos os escritores profanos computam 550 anos, desde o reinado de Ciro até o advento de Cristo.

Não hesito em pressupor algum erro aqui, porquanto não nos fica a mais leve dificuldade sobre este cálculo, porém mais adiante expressarei o método correto de calcular o número de anos. Entrementes, percebemos como os judeus de todas as formas exageraram o número de 600 anos, compreendendo o cativeiro de setenta anos sob essas setenta semanas; e então adicionam o tempo que transcorreu da morte de Cristo ao reinado de Vespasiano. Mas os próprios fatos são sua melhor refutação. Pois o anjo diz: **as setenta semanas se extinguiram**. Barbinel toma a palavra *chetek* como ‘eliminar’, e pretende que caracterizemos as misérias contínuas pelas quais o povo foi afligido; como se o anjo houvera dito que o tempo de redenção não havia ainda chegado, visto que o povo vivia continuamente em estado de miséria, até que Deus infligisse sobre ele aquele golpe final que equivaleria a um horrível morticínio. Quando, porém, a palavra é tomada no sentido de ‘terminar’ ou ‘findar’, o anjo evidentemente anuncia a conclusão das setenta semanas aqui. Aquele impostor contende, usando este argumento: semanas de anos são usadas aqui em vão, exceto em referência ao cativeiro. Isso é em parte procedente, porém os alarga muito mais do que devia. Nosso profeta faz alusão aos setenta anos de Jeremias, e fico surpreso que os advogados de nosso lado não tenham considerado isso, visto que ninguém sugere qualquer razão pela qual Daniel computa anos por semanas. Todavia sabemos que essa figura foi usada propositadamente, porque ele queria comparar setenta semanas de anos com os setenta anos. E quem quer que se dê ao trabalho de considerar esta semelhança ou analogia, descobrirá que os judeus se matam com sua própria espada. Porque o profeta aqui compara a graça de Deus com seu juízo; como se quisesse dizer que o povo foi castigado com exílio ao longo de setenta anos, mas que agora seu tempo de graça chegou; mais ainda, o dia de sua redenção raiou, e que ele brilha com fulgor contínuo; escurecido, aliás, com umas poucas nuvens, por 490 anos, até o advento de Cristo. A linguagem do profeta deve ser interpretada assim: Dolorosas trevas vos envolveram por setenta anos; Deus, porém, secundou esse período por um de favor, de sétupla duração, porque, ao iluminar vosso caminho e moderar vosso sofrimento, ele não deixou de provar ser-vos propício até o advento de Cristo. Esse advento era notoriamente a principal esperança dos santos que aguardavam o aparecimento do Redentor.

Agora entendemos por que o anjo não usa a computação de anos, ou meses, ou dias, mas semanas de anos, porque isso tem uma tácita referência à pena que o povo teve que suportar segundo a profecia de Jeremias. Em contrapartida, isso revela a grande

benignidade de Deus, visto ele manifestar consideração para com seu povo naquele período do assentamento da promessa de salvação em seu Cristo. **Setenta semanas**, pois, diz ele, **se consumaram sobre teu povo e sobre tua santa cidade**. Não aprovo o ponto de vista de Jerônimo, que pensa ser esta uma alusão á rejeição do povo; como se quisesse dizer que o povo é teu, e não meu. Sinto-me seguro em dizer que isso é totalmente contrário à intenção do profeta. Ele assevera que o povo e a cidade devem ser aqui chamados de Daniel [e não de Deus], porque Deus havia se divorciado de seu povo e rejeitado sua cidade. Mas, como eu disse antes, Deus queria ministrar alguma consolação a seu servo e a todos os santos e sustentá-los injetando-lhes essa confiança durante sua opressão provinda de seus inimigos. Pois Deus já havia fixado o tempo de enviar o Redentor. Diz-se que o povo e a cidade pertencem a Daniel porque, como dissemos antes, o profeta estava ansioso pela comum segurança de sua nação, bem como pela restauração da cidade e do templo. Por último, o anjo confirma sua expressão prévia – Deus ouviu a oração de seu servo, e promulgou a profecia de futura redenção. A sentença que vem a seguir convence os judeus de corromperem propositadamente as palavras e a intenção de Daniel, porque o anjo diz: **completou o tempo de pôr fim à perversidade, para lacrar os pecados e para expiar a iniquidade**. Deduzimos desta sentença os sentimentos de compaixão de Deus por seu povo depois que passaram essas setenta semanas. Com que propósito Deus determinou esse tempo? Seguramente para obstar o pecado, curar a perversidade e expiar a iniquidade. Observamos que não há continuação do castigo aqui, como os judeus futilmente imaginam; porque pensam de Deus como sendo sempre hostil ao seu povo, e reconhecem um sinal da mais grave ofensa na total destruição do templo. O profeta, ou melhor, o anjo nos dá visão totalmente oposta do caso, explicando como Deus queria terminar e encerrar seu pecado e expiar sua iniquidade. Em seguida ele acrescenta: **para trazer em justiça eterna**. Primeiramente percebemos quão jubilosa mensagem vem a lume concernente à reconciliação do povo com Deus; e, em seguida, algo é prometido, muito melhor e mais excelente do que qualquer coisa que fosse concebido sob a lei, e mesmo sob os florescentes tempos dos judeus sob Davi e Salomão. O anjo aqui encoraja os fiéis a esperar algo melhor que o que experimentaram seus pais, a quem Deus adotara. Há um tipo de contraste entre as expiações sob a lei e esta que o anjo anuncia, e também entre o perdão aqui prometido e aquele que Deus sempre deu a seu antigo povo; e há também o mesmo contraste entre a justiça eterna e aquela que floresceu sob a lei.

Em seguida ele acrescenta: **Para selar a visão e a profecia**. Aqui o verbo ‘selar’ pode ser tomado em dois sentidos. Ou que o advento de Cristo sancionaria tudo quanto fora anteriormente predito – e a metáfora implicará isso sobejamente –, ou podemos tomá-lo diversamente, a saber; a visão será selada, e assim finalmente ele concluiu que todas as profecias cessariam. Barbinel pensa que o mesmo realça uma grande obscuridade aqui, afirmando que de modo algum o mesmo está em harmonia com o caráter de Deus, ao privar sua Igreja da extraordinária bênção da profecia. Aquele cego homem, porém, nem mesmo compreende a força da profecia, porque não compreende nada sobre Cristo. Sabemos que a lei é distinta do evangelho por esta peculiaridade: Antigamente tiveram um longo curso de profecia segundo a linguagem do Apóstolo [Hb. 1.1]. Antigamente Deus falou de várias maneiras, pelos profetas; nestes últimos dias, porém, ele falou por meio de seu Filho Unigênito. Além disso, a lei e os profetas duraram até João, diz Cristo [Mt 11.11-13; Lc 16.16; 7.28]. Barbinel não percebe essa diferença, e, como eu disse antes, ele crê que havia descoberto um argumento contra nós, asseverando que o dom de profecia não pode ser removido. E, realmente, não devemos ser privados desse dom, a menos que Deus quisesse aumentar o privilégio do novo povo, porque o menor no reino do céu é superior em privilégio a todos os profetas, como Cristo declara em outro lugar.

Em seguida ele acrescenta: **para que o Santo dos Santos seja ungido**. Aqui, uma vez mais, temos um tácito contraste entre as unções da lei e a última que ocorreria. O que se oferece aqui a todos os santos não é só consolação, visto que Deus estava para mitigar o castigo que havia infligido, mas porque desejava derramar a plenitude de toda sua mercê sobre a nova Igreja. Porque, como eu já disse, os judeus não podem escapar desta comparação, por parte do anjo, entre o estado da Igreja sob o pacto legal e o novo; porque os últimos privilégios haveriam de ser muitíssimo melhores, mais excelentes e mais desejáveis do que aqueles extintos na antiga Igreja desde seus primórdios. O restante virá amanhã.¹

ORAÇÃO

Deus Onipotente, visto que através de nossa extrema cegueira não podemos vislumbrar o pleno dia, faz com que sejamos iluminados por teu Espírito. Faz com que tiremos proveito de todas tuas profecias por meio das quais quiseste guiar-nos a teu Unigênito Filho; que o abracemos com fé verdadeira e infalível e permaneçamos obedientes a ele como nosso Líder e Guia; e depois que tivermos completado nossa jornada através deste mundo, que por fim cheguemos àquele repouso celestial que obtiveste para nós através do sangue de teu mesmo Filho. Amém

Fonte: *Daniel* volume 2, João Calvino, Editora Paracletos, pág. 232-241.

¹ Nota do *Monergismo.com*: O livro do qual esse excerto foi tirado é uma série de preleções feitas por Calvino. A partir de 1555, todas as suas preleções sobre o Velho Testamento foram gravadas textualmente por um grupo de três estenógrafos e impressas imediatamente (erros óbvios eram corrigidos quando se lia para Calvino o texto no dia seguinte). Conseqüentemente, todos os seus comentários sobre os profetas, exceto Isaías, consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França. Além desses estudantes, havia um grupo de ouvintes mais velhos – ministros de Genebra e vilarejos circunvizinhos, por exemplo, e refugiados com um pouco mais de instrução.